

ABSTRACT: *His work brings an analysis about the feminine identity expresses in the letters of music funk that are now in the media and that characterize the feminine illustration as a sexual object. For so much, I will base on the critical ACD-Analysis of the Speech (FAIRCLOGH, 2001) and in the systemic-functional grammar (HALLIDAY, 2004).*

KEYWORDS: *Woman; Funk; Identity.*

Introdução

Apesar de falar-se em uma revolução cultural no universo feminino, na prática não é bem assim. As mulheres ainda vivem diferentes situações de discriminação e isso não decorre de fatores biológicos e sim de fatores culturais, históricos, políticos, sociológicos e até psicológicos fazendo com que a discriminação da mulher seja algo constante e permanente desde o princípio das civilizações em todos os setores sociais. Porém, mais do que se ater ao percurso histórico dessa discriminação, objetivamos entender como a representação lingüística contribui para isso, principalmente na pós - modernidade e apesar de toda a estruturação feminista que aconteceu após os anos 60. Segundo CAMERON: “On the whole, feminists have concluded that our languages are sexist. They represent or ‘name’ the world from a masculine viewpoint and in accordance with stereotyped beliefs about women, men and the relationship between them” (1990: 09).

O mundo ser designado pelo gênero masculino é somente um dos muitos exemplos da caracterização da mulher numa condição de inferioridade. Inúmeros trabalhos em análise do discurso dão conta do estudo da figura feminina no universo da propaganda, do discurso público, político e jurídico onde o corpo feminino é tratado como objeto de consumo ou a mulher é sempre inferior ao homem: FISCHER (2005), CALDAS-COULTHARD(2005), ³FIGUEIREDO (2004). A mulher pensada numa esfera social passa pela questão não do que ela é, mas de como ela é representada. Para Theo van Leeuwen (1997:169) é preciso saber “Quais os atores sociais e em que contextos estão eles representados como ‘agentes’ e como ‘pacientes’?” A mulher é, na maioria das vezes, representada no plano visual e lingüístico como aquela que recebe a ação ou aquela que pertence ao homem. A linguagem está atualmente carregada de construções sintáticas, léxicas semânticas que atuam conscientemente na reprodução do sistema patriarcal, além de colocarem a figura feminina com uma identidade mercantilizada, contemplando assim as características da linguagem “in late modernity” ou na linguagem contemporânea que segundo FAIRCLOGH (2001:42) são (1) a comodificação, a mercantilização da linguagem, o poder da linguagem em transformar tudo em produto de venda (inclusive a mulher); (2) a capacidade de promoção dos bens e do próprio corpo através da linguagem e (3) como o sejeito reflete o discurso. E essa forma de ver a mulher está presente o tempo todo em todos os meios de comunicação, com uma ênfase acentuada nas propagandas e nas músicas (sendo essa última o meu foco de pesquisa).

Dessa forma, nesse trabalho que é uma amostra da minha dissertação de mestrado, vou me ater à expressão da identidade feminina apresentada nas letras de músicas funks que imperam desde 2004, mostrando assim como acontece a depreciação e a inferioridade da figura da mulher nessas músicas, como essas práticas são naturalizadas e acabam se tornando o senso comum em uma comunidade. Para tanto, usarei uma metodolo-

¹Projeto de dissertação do Mestrado em Ciências da Linguagem na Linha Textualidades e Práticas Discursivas, turma 2006.

² Mestranda do Mestrado em Ciências da Linguagem-UNISUL.

³ Professora coordenadora desse projeto.

gia de pesquisa e de análise a ACD (FAIRCLOGH,1992/2001) e a gramática sistêmico funcional (HALLIDAY, 2004).

1 A ACD e sua agenda de pesquisa

A ACD (análise crítica do discurso) está interessada não somente nos textos em si, mas em questões sociais, incluindo conhecimentos e maneiras de representar a realidade, manifestações de identidades e relações de poder no mundo contemporâneo (FAIRCLOGH,2001). Se intitula como crítica porque em questões humanas, as interconexões e as redes de causa e efeito podem ser distorcidas a ponto de saírem do campo de visão. A atividade crítica consiste, essencialmente, em tornar visível a natureza interligada das coisas” (FAIRCLOGH, 1985, p. 747).

Partimos do princípio de que todas as ideologias estão mascaradas nos discursos. O discurso aqui é percebido como:

“...o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais...o discurso é uma prática não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo-se e contruindo o mundo em significado” (FAIRCLOGH, 2001:90- 91).

Quando significamos ações através da linguagem, estamos dando a elas uma roupagem, um posicionamento, uma forma ideológica de se apresentar. Para ALTHUSSER (1971:161 nº16):” A ideologia interpreta os sujeitos, é a constituição dos sujeitos”. Também em THOMPSON (1984:58):

“Ideologia é o significado mobilizado por formas simbólicas (ações, imagens, textos) que servem para estabelecer e sustentar relações de dominação: estabelecer relações de dominação no sentido de que o significado pode criar e instituir essas relações; sustentar, no sentido de que o significado serve para manter e reproduzir relações de dominação por meio dos processos de produção de texto”.

Pensando em ideologias veiculadas através de discursos em contextos sociais específicos, usamos como ferramenta de análise a gramática sistêmica-funcional porque essa gramática permite ao pesquisador não só analisar a estrutura da frase, como uma gramática tradicional, mas ela consegue reunir a noção da pragmática com a semântica: a pragmática na intenção de uso e a semântica no sentido do significado do texto. Ela nos permite a visão de que não só estruturamos textos, mas fazemos essas estruturações com determinadas intenções. Para Halliday (1975), a linguagem serve como forma de expressão do indivíduo e, conseqüentemente, interliga-se a valores e crenças e aos contextos onde o indivíduo executa práticas sociais diversas.

Dessa forma, este trabalho busca conceituar e refletir sobre o contexto de situação (musicas funks) dentro de seus contextos culturais (comunidade, gênero, espaço social de produção e recepção desses textos). Então, as marcas linguísticas-textuais vão nos levar aos participantes da situação, ações de vários tipos e quem as pratica, características e efeitos dessas ações, forma e conteúdo da mensagem. Que código, meio e gênero foram utilizados bem como as normas de interação presentes nesse ato comunicativo. Essas são categorias de análise micro e macrotxtuais que podem ser melhor visualizadas da seguinte maneira:

Tabela 1: análise textual na ACD

Semântica	Determina as escolhas lexico-gramaticais	Metafunções.	Marcas linguísticas no texto, microanálise
Aspectos do discurso+Semântica	O registro	A gama de potenciais de significados de uma dada situação; o que queremos dizer naquele momento.	A partir do registro, da configuração textual, podemos fazer previsões sobre a potencialidade de esses textos virem a ser apresentados em determinados gêneros

Tabela 1: MOTTA-ROTH e HERBERLE (2005:16-17)
HALLIDAY, 2004.

Registro é diferente de gênero. Uma imagem que pode o ajudar a agarrar a diferença entre registro e gênero é ver registro como pano e gênero como artigo de vestuário: o artigo de vestuário é feito de um tipo apropriado de pano ou panos, corte e amoldou de modos convencionais para vestir propósitos particulares. Semelhantemente, um gênero desdobra os recursos de um registro (ou mais que um registro) em particular padrões para alcançar certas metas comunicativas (Thompson, 2004). Como conceito de gênero uso a fala de FAIRCLOUG (1999) citado em MEURER (2005), que vê o gênero como “um fenômeno social e linguístico, como um sistema de eventos comunicativos culturalmente situados, como linguagem sendo usada para viver uma dada prática social” (1999: 56). O gênero, na gramática sistêmico-funcional também se manifesta através das metafunções correspondendo respectivamente ao campo, tenor e modo, percebidos no registro (contexto situacional, materialização da linguagem no texto). Então, o campo a organização simbólica do texto, a atividade social, o que está acontecendo, suas relações internas, o que ele representa. Já o tenor mostra o que os participantes fazem com a linguagem em uma situação, como um participante age sobre o outro, o relacionamento e por fim o modo diz respeito ao canal da mensagem, como a linguagem se estrutura em determinados textos (MOTTA-ROTH e HERBERLE, 2005: 16-17). No universo de texto funk isso corresponde a de que assunto estamos falando, como ele é representado, quem são os envolvidos e como se relacionam e por último, que sequências textuais ou tipos de códigos lingüísticos foram escolhidos e organizados para desempenhar essa comunicação. Essa terceira função não será explorada nessa análise por que optei em frisar as categorias que mostram mais as identidades dos sujeitos textuais, a ideacional e a interpessoal.

Tabela 2 Análise do Contexto Cultural e Situacional com a Gramática Sistemico Funcional

Registro: Variável de Contexto, aspectos da situação (são externos ao texto), tem poder de manifestar o gênero	Campo (field) a organização simbólica do texto, a atividade social, o que está acontecendo, suas relações internas, o que ele representa	Tenor (tenor) tenor mostra o que os participantes fazem com a linguagem em uma situação, como um participante age sobre o outro, o relacionamento	Modo (mode) diz respeito ao canal da mensagem, como a linguagem se estrutura em determinados textos
Metafunção, semântica	Ideacional	Interpessoal	Textual
significados	Diz respeito à maneira como o ser humano expressa e representa a sua experiência no mundo. Quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias	Indica papéis sociais, crenças, atitudes e as relações estabelecidas entre os participantes envolvidos no evento comunicativo	Explicita o papel desempenhado pela linguagem no contexto comunicativo
categorias de análise	transitividade Nominalização	Modalidade/ modo Modulação Pessoa	Tema, rema (falante) Informação dada e nova (ouvinte) Relações coesivas
universo de texto funk	que assunto estamos falando como o conteúdo do texto é representado	quem são os envolvidos e como se relacionam	que sequências textuais ou tipos de códigos lingüísticos foram escolhidos e organizados para desempenhar essa comunicação.

MOTTA-ROTH e HERBERLE (2005:16-17), HALLIDAY (2004).

Na categoria microestrutural, os aspectos linguísticos mais explorados para demonstrar a identidade feminina são os processos de transitividade, ou seja, a escolha de cada processo está relacionada à intenção do

falante. Dependendo do que ele pretende atingir, ele faz uma escolha lingüística. Na música selecionada, farei a seguinte busca:

Tabela 3: ⁴Funcionamento da transitividade no texto

Processos materiais: cuidar, segurar	O processo material é o do fazer, em que alguma entidade realiza alguma coisa. Expressa as ações que se realizam no mundo físico.
Processos mentais: preocupar, pensar	O processo mental é o processo do sentir. É quando se mostra as idéias, os pensamentos e as crenças.
Processos relacionais: é	É o processo do ser, que estabelece uma relação entre duas entidades.
Processos existenciais	e o processo existencial, que está ligado ao existir,
Processos comportamentais	O processo comportamental, relacionado ao comportamento como o próprio nome diz
Processos verbais	O processo verbal é o do dizer no sentido de solicitar, pedir.

HALLIDAY (2004).

Outro fator explorado foi a modalização e o modo, sendo que o último foi muito analisado na música escolhida:

Tabela 4: Categorias de análise da função interpessoal

Verbos	Enfatizam a obrigação
Adjuntos modais	Intensificam a ação, mostram a frequência da ação e a situam no tempo espaço
Pronomes	Como as pessoas são nomeadas
Modo	Polarização, indicativa que pode ser declarativa afirmativa, negativa ou interrogativa; ou imperativa

HALLIDAY (2004).

Sendo assim, os procedimentos investigativos mostrados na tabela 1 se fundamentam na ACD porque a discriminação feminina também é uma forma de luta ideológica e, portanto, é um dos itens da agenda de pesquisa da ACD, uma abordagem crítico-teórico interdisciplinar, com vários campos fundamentalmente interessados em analisar relações estruturais, transparentes ou veladas, de discriminação, poder e controle manifestas na linguagem (FAIRCLOUGH, 2001). A linguagem é vista aqui como um veículo de expressão, de experiências, de idéias. Assim, ela expressa aspectos do contexto sociocultural onde é produzida, influenciando-nos a pensar deste ou daquele modo, segundo ideologias que defendemos muitas vezes sem percebermos. A representação da realidade compreende os processos ideológicos, as formas de naturalização e dissiminação de determinadas práticas de dominação (no caso dessa pesquisa a dominação sobre a mulher). A partir disso, é possível perceber que determinados usos da linguagem e de outras formas simbólicas são ideológicos, isto é, os que servem, em circunstâncias específicas, para estabelecer ou manter relações de dominação, refere-se às formas e processos sociais dentro das quais, e através das quais, formas simbólicas circulam no mundo social

A organização do gênero também implica no discurso porque cada gênero desempenha um objetivo lingüístico social. Os gêneros são “os cintos de segurança da História da sociedade para a História da linguagem”. (BAKHTIN, 1986:65) Essa fala recai sobre em como escrevemos, produzimos e recebemos o texto dentro de um grupo lingüístico determinado, ou como cita FAIRCLOUGH (1992:161) “Um gênero implica não somente um tipo particular de texto, mas também processos particulares de produção, distribuição e consumo de textos”.

⁴ Como a fundamentação dessa gramática é inglesa, é preciso ter um cuidado na hora da interpretação do contexto dos processos verbais em português.

3. O contexto histórico da música funk e a análise desse gênero textual

A música, enquanto texto escolhido para análise, é um gênero híbrido, com linguagem oral e escrita (COSTA, 2003), e dessa forma também é um gênero textual. Segundo MEURER :

“Os conhecimentos que os seres humanos possuem, sua identidade, seus relacionamentos sociais e sua própria vida são em grande parte determinados pelos gêneros textuais a que são expostos, que produzem ou consomem” (2000:152).

Segundo o site, o www.buscamp3.com.br/textscolumns/readbr.asp?id=32&id_usr=4, o funk surgiu por volta de 1970, quando os negros americanos misturaram o rhythm e blues com o gospel, gerando o soul music que aos poucos deu origem ao funk atual. Os brasileiros foram assimilando essa tendência musical, mas o funk de 1970 e 1980 no Brasil e nos E.U.A. não é o mesmo que escutamos hoje. Os anteriores eram mais pesados em instrumentação com naipes de sopro e vocais afinadíssimos. O atual mudou em ritmo e ideologia. Os sites que tratam desse assunto na internet são muitos, mas o http://www.terra.com.br/reporterterra/funk/historia_do_funk.htm, me chamou a atenção por fazer uma classificação do funk brasileiro em categorias que correspondem às características das músicas, dos cantores, do momento histórico e do conteúdo que os textos musicais retratam. Também o jornalista ESSINGER (2005) traz a mesma divisão para o funk brasileiro, só que narrado cronologicamente e com mais detalhes. A partir dessas leituras, foi possível fazer a seguinte estrutura da história do funk no Brasil:

Tabela 5: história do funk no Brasil

⁵ Fases do funk no Brasil	Funk da década de 80, O funk no Rio foi influenciado por um novo ritmo da Flórida, o Miami Bass, que trazia músicas mais erotizadas e batidas mais rápidas.	Segunda fase do funk no Brasil, o new funk da década de 90: As músicas mais dançantes e as letras, mais sensuais. Usado no Carnaval Baiano.As letras são simplesmente paródias de velhas músicas que fizeram sucesso Drogas, violência, armas e a criminalidade são temas das letras.Bailes com muita violência.	Terceira fase do funk brasileiro: O "new funk" das popozudas e dos tigrões (ano 2000) Bailes mais pacíficos. Músicas cada vez mais erotizadas e com coreografias sensuais Usado no Carnaval de Salvador em 2001.
Cantores:	Gerson King Combo, Tim Maia, Carlos Dafé, Lady Zu e Tony Tornado (soul). O funk era principalmente em inglês	Surgem diversos MC's em comunidades. Claudinho e Buchecha ganharam fama nacional	Bonde do Tigrão, Vanessinha Pikatchu, Tati Quebra-Barraco, Mr. Catra, As Mercenárias, Bonde do Vinho, MC Johnatan, MC Cacau
Visual:	Black Power	Homens: bermuda e camiseta de basquete (ou sem camisa) / Mulheres: calças jeans ou saias e camisetas justas	Homens: calça ou bermuda e camiseta (ou sem camisa) / Mulheres: calças justas ou minissaia e camisetas ou mini-blusas - o importante é ser sexy

⁵ Conferir também Hermano Vianna: O mundo funk carioca (1988).

Bailes:	Aconteciam nas comunidades e alguns no Canecão. No começo, as equipes de som usavam vitrolas hi-fi	Principalmente nas comunidades e em clubes.	Espalham-se pelo Brasil, dominando redutos de outros ritmos, como o carnaval de Salvador. No Rio, continuam acontecendo em comunidades, nas quadras das escolas de samba e também em lugares da "elite", como o Canecão e o Terra Encantada
Acusações		Excesso de violência, tráfico de drogas e os "corredores da morte".	Abuso da pornografia e do sexo. Meninas teriam participado de orgias no meio dos bailes

Fonte: http://www.terra.com.br/reporterterra/funk/historia_do_funk.htm e ESSINGER (2005)

É na terceira fase do funk que vamos nos deter, analisando os textos de músicas atuais onde o corpo feminino é representado eroticamente, descrito sempre com sensualidade e onde a mulher é identificada como objeto de consumo e em posição sempre inferior à masculina. Para que essa análise seja bem situada, é imprescindível compreender quem são os produtores desses textos, quem é a comunidade discursiva (SWAVES, 1992), pois esse item corresponde à segunda esfera do modelo tridimensional da análise de FAIRCLOGH (2001), que é as práticas discursivas. A primeira esfera de análise é o texto, que contemplaremos com a análise das metafunções e das variáveis do registro. Nesse sentido, precisamos pensar em quem canta essas músicas, qual é o público esperado, quem pratica esse tipo de discurso e se o discurso mostra práticas sociais, no caso do funk, que práticas são essas? Violência, corrupção, assuntos políticos e por fim a sensualidade, a pornografia, a orgia, e a banalização do sexo girando sempre em torno da mulher. Retornando ao site, o www.buscamp3.com.br/texts/columns/readbr.asp?id=32&id_usr=4 hoje o funk já pode ser tratado como um movimento pois defende ideologias, principalmente uma nova ideologia sexista.

Somente contemplando a todas essas questões a análise pretendida, apesar de ser lingüística, ultrapassará os níveis da frase, pois no momento da análise o contexto cultural, "o sistema de experiências e significados compartilhados" (MOTTA-ROTH e HERBERLE, 2005:15) não poderá ser esquecido. Essa reflexão é muito importante, principalmente para as mulheres, como diz MEURER: "estabelecendo tais relações, o indivíduo estará mais apto ao exercício da cidadania, a realizar ligações inteligentes, produtivas e vantajosas entre textos e seus contextos de uso" (2000:158). É preciso pensar em como os textos mostram nossas práticas sociais e que somente outros textos, outros discursos poderão modificar essas relações de poder e principalmente mudar a expressão da imagem feminina na história.

É por isso que esse tipo de texto é muito rico para análise uma vez que é recente, amplamente difundido e aceito por adolescentes, é um produto de consumo que age através da representação que carrega e nesse caso, com uma representação depreciativa da figura feminina; correspondendo assim as práticas sociais, terceiro e mais abrangente elemento da análise tridimensional de FAIRCLOGH (2001). Dessa forma, as músicas funks "constituem exemplares de gêneros textuais porque são usados em contextos sociais específicos, constituindo processos e ações sociais específicos e, portanto, práticas sociais específicas" (MEURER, 200:151).

4. Análise textual

A música analisada foi "PRAS GATINHAS" do CD do Mc Frank, 2005, de onde obtivemos os seguintes dados.

Música selecionada
 PRAS GATINHAS
 Mc. Frank,
 Pra gatinhas solteiras, pras gatinhas preparadas
 Pra gatinhas virgens sem calcinha
 Pra gatinhas bonitinhas vou fazer um convite
 Quero ver tu agüentar 12 horas de suíte
 Num clima envolvente de um jeito especial
 Eu por cima tu por baixo lá na presidencial
 To mandando um papo reto naum to de sacanagem
 Pista pra dançar, sauna e hidromassagem

 Pra gatinhas solteiras, pras gatinhas preparadas

Pra gatinhas virgens sem calcinha
 Há, 69 frango assado e a posição da rã
 Estilo gorila e preto de levo até de manhã
 Papai e mamãe, roda gigante e cavalinho
 Há te boto de quatro e te jogo de ladinho
 Dentro do elevador tu falando gracinha
 Saiu do 5 letras toda fresca e assadinha
 É é é mas tu tem que se bonitinha

Tabela 6: análise textual:

Registro	Metafunções: significados	Categorias analisadas
<p>Campo (field) um cantor está fazendo um convite erótico as mulheres bonitas que o estão escutando, provavelmente é um baile, é um genero para não ser de rádio, existe muito erotismo</p>	<p>Ideacional: 5% mentais, o homem tem a voz ativa, é ele quem quer. 35% materiais, onde o homem sempre pratica ações do mundo físico . 30% relacionais, usados para caracterizar a mulher eroticamente e para persuadi-la. 10% verbais, o homem fala serio e a mulher só fala gracinhas 74% das ações se remetem ao homem na voz ativa caracterizando a mulher ou agindo sobre a mesma 20% comportamental, referindo-se a mulher como quem se comporta para o homem e ao homem como quem manda⁶</p>	Transitividade
<p>Tenor (tenor) os Mcs produzem a musica para o baile e aquela comunidade de funkeiros que são os receptores, existem hierarquias entre os cantores e os ouvintes, comandos e chamamentos no baile, a mulher é receptora, a distancia entre os participantes da comunidade é minima,</p>	<p>Interpessoal: O pronome eu é o agente (masculino) na maioria das vezes aparece oculto o pronome tu (feminino) está próximo ao eu e é sempre quem recebe a ação. A voz masculina é intimidadora, manda. Muitas frases declarativas e imperativas do homem.</p>	Modo, pronomes , modalidade
<p>Modo (mode) o texto é uma música (gênero hibrido) cantada no baile, mistura de poesia e narração, presença da fala oral e contato visual muito próximo do dialogo (BAKHTIN). Usa-se o canal fônico e o texto apresenta a interferência de vozes no baile. Mudando do baile para o radio muda o suporte e o genero.</p>	<p>Textual: A tipologia é poesia, com rimas, simula-se um convite . A coesão da música acontece pela seqüência descritiva do ambiente, pouca cronologia. Podemos dizer que o texto é persuasivo. As frases são declarativas afirmativas e imperativas, o tema é organizado apresentando o cantor que faz o convite (dado) e comenta a</p>	Tema, rema, relações coesivas

⁶ Juntei a essa categoria os verbos existenciais que funcionaram mais como auxiliares para mostrar o comportamento masculino e feminino no texto.

	forma do encontro no rema (novo). ⁷	
--	--	--

5. Considerações Finais

Só o homem tem voz e ação nesse texto (processos materiais e verbais) enquanto que a mulher embora seja constantemente mencionada, é o agente passivo, perto do homem, mas como um ator social sem voz e tendo que ser bonita para satisfazer a figura masculina (processo relacional). Como os processos mentais são poucos no texto, não existe ligação afetiva entre eles (homem e mulher). Os verbos desse processo só apontam para a problemática do texto, o querer masculino.

Entender essas práticas comunicativas é o primeiro passo para produzir diferentes textos e certamente diferentes discursos. Não estamos simplesmente fazendo generalizações quanto a uma cultura. O site www.buscamp3.com.br/texts_columns_readbr.asp?id=32&id_usr=4, diz que esse movimento busca um reconhecimento social que nunca foi dado aos negros pobres nem nos E.U.A. onde o movimento começou e muito menos aqui no Brasil, nas favelas cariocas. Mas para KELLNER (2001) que estudou a história do rap americano e também percebeu a forte discriminação feminina, os negros são sim uma comunidade desvalorizada e querem mostrar sua voz e sua identidade(2001:234), porém, o sexismo presente nas músicas faz parte de uma estrutura cultural maior, de todas as sociedades, como comenta o autor:

“Isso não se aplica não só a comunidade negra: o estupro e os crimes contra as mulheres atingiram um nível intolerável em todas as raças e classes socioeconômicas, portanto, o rap expressa atitudes misóginas não só na comunidade negra, mas em toda a sociedade americana. Na verdade, um aspecto indesejável da popularidade do rap pode estar no fato de expressar em relação à mulher atitudes negativas que reproduzem as atitudes dos grupos não-negros que são incapazes de expressar abertamente esse sexismo agressivo” KELLNER (2001: 235).

Essa reflexão também pode ser usada no funk, que tem então uma forma mais transparente de mostrar seu sexismo, como foi percebido no estudo das suas marcas linguísticas, de seu contexto e do seu gênero. Normalmente esses discursos são opacos nas demais instâncias sociais, não são claros, são tecnologicamente trabalhados para que de uma forma geral se conclua que a identidade feminina hoje é construída de uma forma mais igualitária a identidade masculina. Só que na prática, o funk está mostrando uma representação da realidade em relação a mulher que mostra um preconceito histórico e social que existe em todas as comunidades, só que com outras roupagens, usando outros textos, outros contextos e portanto outros gêneros textuais.

O que falta em uma análise como essa é uma pesquisa etnográfica (SHALES, 1992 e BAZERMAM, 2005), pois o meio, o contexto, a forma, o conteúdo e o propósito social influenciam no gênero. É preciso pensar em como os textos mostram nossas práticas sociais e que somente outros textos, outros discursos poderão modificar essas relações de poder e principalmente mudar a expressão da imagem feminina na história. Também resta questionar se do ponto de vista social essas práticas discursivas (e portanto sociais) são próprias da comunidade funk ou se são mais um produto ideológico naturalizado no discurso. Como será que as funkeiras refletem isso?

RESUMO: Este trabalho traz uma análise sobre a identidade feminina expressa nas letras de músicas funk que estão atualmente na mídia e que caracterizam a figura feminina como um objeto sexual. Para tanto, vou me basear na ACD-Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOGH, 2001) e na gramática sistêmico-funcional (HALLIDAY, 2004).

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; Funk; Identidade

⁷ Essa categoria foi comentada aqui, mas na dissertação ela não será analisada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. *Ideolog and ideological state apparatuses*. In: ALTHUSSER, Louis. (ed). Lenin and philosophy and other essays. Londres: New Left Books, 1971. (Aparelhos ideológicos de estado. Rio de Janeiro: Graal, 1992).
- BAKHTIN, Mikhail. *Speech genres and other late essays*. Austin, TX: University of Texas Press, 1986.
- BAZERMAM, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e integração*. Org. por Ângela P. Dionísio e Judith C. Hoffinagel. São Paulo: Cortez, 2005.
- CALDAS-COULTHARD, Carmem Rosa. *O Picante sabor do proibido: Narrativas de transgressão*. In: FUNCK, S.B e WLHOLZER, N. (Org) Gêneros em discurso da mídia. Florianópolis: Editora das Mulheres. 2005.
- CHOULIARAKI, Lilie. and FAIRCLAUGH, Norman. *Discourse in late modernity*. Edinburgh: Edinburgh UP, 1999.
- COSTA, Nelson Barros da. *Canção popular e ensino da língua maternal: o gênero canção nos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa*. Revista Linguagem em Discurso, UNISUL: v.4,n.1,jul/dez. 2003.
- ESSINGER, Silvio. *Batidão: uma história do funk*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- FAIRCLOGH, Norman. *Discurso e mudança social*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992
- _____. *Discurso e Mudança social*. Trad. I. Magalhães et al. Brasília: Editora universidade de Brasília, 2001.
- _____. *A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso publico: as universidades*. In : MAGALHÃES, C. (Org.) Reflexões sobre a análise crítica do discurso. Belo Horizonte: Fale:UFMG, 2001.
- _____. *Critical and descriptive goals in discourse analysis*. Journal of Pragmatics, 1985.
- FIGUEIREDO, Débora Carvalho de. *Violência sexual e controle legal: uma análise crítica de três extratos de sentenças em caso de violência contra a mulher*. Revista Linguagem em Discurso, UNISUL: v.4, Número Especial 2004.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Mídia e educação da mulher: modos de enunciar o feminino na TV*. In: FUNCK, S.B e WLHOLZER, N. (Org) Gêneros em discurso da mídia. Florianópolis: Editora das Mulheres. 2005.
- HALLIDAY, Michael. *Learning how to mean: explorations in the development of language*. Londres: Edward Arnold, 1975.
- HALLIDAY, Michael e MATTHIESSEN,Christian. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 2004.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia-estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP: EDUSC, 2001
- MEURER . José Luiz. *O conhecimento de Gêneros Textuais e a Formação do Profissional da Linguagem*. In: FORTKAMP, M.B.M. & TOMITCH, L. M. B. (Org). Aspectos da Lingüística Aplicada: estudos em homenagem ao Prof. Hilário I. Bohn. Fpolis: Insular, 2000.
- MEURER. José Luiz. *Gêneros Textuais na Análise Crítica do Discurso*. In: BONINI. A. MOTTA-ROTH. D. MEURER. J.L. Gêneros: Teorias, Métodos, Debates- São Paulo : Parábola Editorial, 2005.
- MOTTA-ROTH, Desirée. e HERBERLE, Viviane. *O conceito de "Estrutura Potencial do Gênero, de Ruqayia Hasan"*. In: BONINI. A. MOTTA- ROTH. D. MEURER. J.L. Gêneros: Teorias, Métodos, Debates- São Paulo : Parábola Editorial, 2005.
- SHALES, Jonh M. *Repensando gêneros: uma nova abordagem aos efeitos da comunidade discursiva*. Comunicação apresentada no Re-thinking Genre Colloquium, na Universidade de Carleton, Ottawa, em abril de 1992. (Tradução para fins de estudo por Benedito Bezerra).
- THOMPSON, G.(in press) *Introducing Functional Grammar* (2nd edition) London: Arnold, 2004.
- THOMPSON, J. B. *Studies in the theory of ideology*. Cambridge: Polity Press, 1990.
- VAN LEEUWEN, Teo. *A representação dos actores sociais*. In: PEDRO. E. R. (Org.). *Análise Crítica do Discurso: Uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Editorial Caminho, cap. I, 1997.
- VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- Site: //www.terra.com.br/reporterterra/funk/dia4_not1.htm, consulta em 07/04/06
- Site: //www.terra.com.br/reporterterra/funk/historia_do_funk.htm, consulta em 07/04/06
- Site: www.buscamp3.com.br/textscolumns readbr.asp?id=32&id usr=4 consulta em 07/04/06